

ESTUDO CONTRASTIVO ENTRE CONCEITOS DE GÊNERO E GRAU: É Flexão ou Derivação?

Carine Ribeiro Pessoa¹

Patricia Ferreira Botelho²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir os conceitos de gênero e grau tomando, como ponto de partida, a perspectiva tradicional das gramáticas para o estudo da estrutura e formação de palavras em língua portuguesa nas escolas. Ainda não se esgota a possibilidade de discussão desse tema a fim de fundamentar a discussão acerca do processo de flexão e derivação e, para embasar as discussões, teremos como referência os estudos de Gonçalves (2005) e Seabra (2006). Para tanto, será feito um estudo bibliográfico acerca do tema, seguido pela análise de materiais didáticos largamente empregados no Ensino Médio.

Palavras-chave: Gramática. Língua Portuguesa. Flexão. Derivação.

CONTRASTING STUDY BETWEEN GENDER AND DEGREE CONCEPTS: Is Flexion or Derivation?

Abstract

The aim of this article is to discuss the concepts of gender and grade, taking as a starting point the traditional perspective of grammar for the study of the structure and formation of words in Portuguese language in schools. It is not yet possible to discuss this topic in order to base the discussion on the process of bending and derivation, and to base the discussions, we will have as reference the studies of Gonçalves (2005) and Seabra (2006). To do so, a bibliographic study about the subject will be done, followed by the analysis of didactic materials widely used in High School.

Keywords: Grammar. Portuguese language. Flexion. Derivation.

¹Graduada em Letras Português/Inglês pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase.

²Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFRN. Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Introdução

O livro didático ainda se constitui como principal material que fundamenta as aulas de Língua Portuguesa, empregado por um longo período da educação básica, tanto na rede pública quanto na rede privada, como atestam algumas pesquisas que apontam algumas consequências na formação da cognição escolar dos alunos devido a esse largo emprego (BOTELHO, 2015; VARGAS, 2012). Percebemos, nesses materiais, uma excessiva preocupação metalinguística, em termos da classificação, conceituação e normatização de conceitos e de questões relativas à formação de palavras no português, o que denota uma perspectiva de ensino excessivamente preocupada com normatização da língua. Nesse sentido, notamos que ficam à parte, no ambiente escolar, as reais necessidades de discussão acerca do caráter criativo e expressivo que envolve a formação de palavras, devido ao seu caráter processual na constituição da língua.

Além disso, podemos afirmar que, apesar dessa larga preocupação com o estudo da estrutura das palavras, os livros didáticos da educação básica revelam não poucas incoerências na definição dos conceitos que tangem ao aspecto flexional dos nomes na Língua Portuguesa.

A partir dessas premissas, este artigo aponta a insuficiência relacionada à conceituação e descrição no que diz respeito aos processos de flexão e derivação de gênero na Língua Portuguesa e, por isso, tem como proposta buscar meios para ampliar essa discussão a fim de contribuir para a formação de um corpo de estudos no campo.

Vale notar que, quando a gramática normativa classifica os nomes como flexionáveis em gênero, número e grau, tal classificação veiculada é inadequada pela seguinte razão: apenas o conceito de gênero pode ser identificado como um processo flexional, pois o conceito de grau deve ser compreendido como um processo derivacional (cf. CAMARA JR, 1970; GONÇALVES, 2005).

Pelo fato de não se ter ainda uma conceituação final acerca do tema, serão apresentados alguns estudos referentes a essas categorias dentro desses dois processos de flexão e derivação, de modo a promover reflexões e contribuir com a formação e atualização dos professores.

Breve Exposição do Fenômeno Linguístico a ser Estudado

Um dos principais objetivos relacionados ao estudo dessa incoerência é avaliar os materiais didáticos e repensar os conceitos de gênero e de grau no estudo da estrutura e formação de palavras no intuito de contribuir nos estudos teórico-descritivos, visto que o ensino desses conceitos em questão merece um estudo pormenorizado a fim de repensar o ensino de língua portuguesa nessa área.

Com a descrição desses problemas, pretendemos apresentar uma proposta pensada a partir da necessidade emergente de aprofundar estudos descritivos acerca dos conceitos de gênero e de grau, tendo em vista que o primeiro está relacionado à flexão, enquanto o segundo, à derivação. Para isso, precisamos avaliar como os materiais didáticos escolhidos para este estudo discutem esses dois conceitos.

Descrição da Amostra

Os materiais selecionados para estudo e análise do tema foram: a apostila Língua Portuguesa: ensino médio do Sistema Positivo de Ensino, de Lima (2010) e o livro didático Português: linguagens, de Cereja e Magalhães (1998). O primeiro material é direcionado ao primeiro ano do Ensino Médio e o segundo material é direcionado ao segundo ano do mesmo segmento. Essas escolhas se justificam devido à equivalência dos conteúdos abordados para estudo de língua portuguesa. No manual do Sistema Positivo de Ensino, os conceitos de gênero e grau foram apresentados a partir da seguinte definição:

“[...] Substantivos são palavras que podem variar em gênero, número e grau e designam seres [...]. O grau do substantivo pode ser aumentativo ou diminutivo. Esses dois graus se classificam em:

analítico - o substantivo é acompanhado de palavras que expressem aumento ou diminuição, tais como: muito, pouco, pequeno, grande, etc.

Exemplos: Aquele garoto pequeno não conseguirá alcançar a cesta de basquete.
Juliana tem um corpo grande.

Sintético – é formado pelo uso de sufixos:

Tabela 1. Quadro de sufixos

Diminutivos	Aumentativos
inho-garotinho, carrinho	ão-casarão
culo-cubículo, minúsculo	aça-barcaça
ejo-lugarejo	aço-corpaço
ota –ilhota, velhota	ona-musicona
ote- menino, camarote	ázio-copázio
ulo- casulo	---

Fonte: LIMA, 2010 (p. 48)

No livro didático Português Linguagens, Cereja e Magalhães apresentam o conceito de flexão da seguinte forma:

A flexão de gênero é uma só, com pouquíssimas variações: forma-se o feminino pela troca das vogais “o” e “e” por a ou pelo acréscimo da desinência –a:

*lobo- loba
mestre- mestra
autor- autora*

Exceções: avô- avó; órfão – órfã; leão – leoa; valentão – valentona.

(CEREJA E MAGALHÃES, 2008, P.32).

O conceito de derivação ou aparece pouco ou quase não é abordado, sendo citado de forma resumida como em:

“Grau do substantivo ou derivação?”

Há uma polêmica entre os pesquisadores sobre o grau do substantivo. Alguns consideram os aumentativos e diminutivos uma flexão do substantivo. Outros, entretanto, como Joaquim Mattoso Camara Jr., consideram o aumentativo e o diminutivo como uma derivação.

Nos substantivos, a ideia de aumento ou diminuição das proporções se expressa por meio de adjetivos ou de sufixos:

*Homem grande (enorme, imenso)
homenzarrão*

*homem pequeno (miúdo)
homenzinho [...]*

(CEREJA E MAGALHÃES, 2008, p.34).

A partir dessa descrição, o livro didático vem seguido de exercícios, que nada tem a ver com o conceito de gênero e grau para os estudos da estrutura e formação de palavras, solicitando do aluno, apenas o mecanismo de emprego do grau aumentativo nos substantivos. Consequentemente, os autores não abordam de maneira profunda o conceito de gênero e grau em termos do processo de flexão e derivação.

Pressupostos Teóricos e Descritivos

Um dos assuntos mais abordados no estudo morfológico da estrutura e formação de palavras são os processos de flexão e derivação, tendo em vista que existem dificuldades na classificação dos conceitos de gênero e grau como processos flexionais ou derivacionais.

Como percebemos na apresentação dos materiais, ainda persistem equívocos no estudo desses conceitos e se faz necessário retomar os estudos e analisar passo a passo dessa categorização.

Para isso, apresentaremos alguns resultados de estudos feitos por especialistas como Camara Jr (1970), Gonçalves (2005), além de apresentar a visão

tradicional dos compêndios a fim de contribuir para o esclarecimento dos problemas já descritos.

Conceitos de Gênero e Grau em Rocha Lima:

Rocha Lima apresenta o conceito de gênero com todas as classes de palavras abordando todas as possíveis flexões recorrentes com o uso de determinantes e/ou modificadores:

Gênero é uma classificação puramente gramatical dos substantivos em dois grupos, masculinos e femininos, segundo a terminação do adjetivo acompanhante [...] Os substantivos é que se chamam propriamente masculinos, ou femininos, porque cada substantivo é classificado num ou noutro grupo; ao contrário dos adjetivos, com sua dupla terminação, são classificadores. (ROCHA LIMA, 2006, p.70,71)

Em relação ao conceito de grau, Rocha Lima menciona o grau ao abordar a flexão de número dos substantivos nos graus aumentativo e diminutivo, o que constitui falha por apresentar tais noções sem antes abordar as definições do conceito. Posteriormente, o autor apresenta as definições inclusas no processo de adjetivação e torna tal definição ainda mais clara ao mencionar o processo de derivação:

Há também alguns pejorativos: professoreco, livreco, casebre, etc. Trata-se, conseqüentemente, em ambos os casos (aumentativo e diminutivo sintéticos) de um processo de derivação. (ROCHA LIMA, 2006, p.87)

Conceitos de Gênero e Grau em Camara Jr:

Camara Jr. apresenta de maneira bem clara e objetiva dois fatores que permitem pensar como a noção da flexão de gênero é exposta de maneira insuficiente nas gramáticas tradicionais do português. Primeiro, pelo fato de a conceituação de gênero estar associada à noção de sexo e segundo, pelo fato de o gênero ser uma distribuição em classes mórficas, com discrepância entre gênero e

sexo, em que o feminino será sempre feminino e o masculino, sempre masculino. Com o propósito de definir o conceito de gênero, Camara Jr postula o seguinte:

[...] em referência ao gênero, do ponto de vista semântico, é que o masculino é uma forma geral, não-marcada, e o feminino indica uma especialização qualquer (*jarra* é uma espécie de <<jarro>>, *barca* um tipo especial de <<barcos>>, como *ursa* é fêmea do animal chamado *urso*, e *menina* uma mulher, em crescimento na idade dos seres humanos denominados como a de <<meninos>>). (CAMARA JR, 1970, p.88, 89, grifos do autor)

Na flexão de gênero, não existe a distinção de gênero por heteronímia. De acordo com o autor, existem substantivos privativamente femininos e outros privativamente masculinos, um relacionado ao outro. No entanto, ele mostra que há alguns casos em que um sufixo derivacional se restringe a outro substantivo em determinado gênero. Assim, “imperador” se caracteriza, não flexionalmente, pelo sufixo derivacional “-dor”, e “imperatriz”, analogamente, pelo sufixo derivacional “-triz”. Da mesma sorte, “galinha” é um diminutivo de “galo”, que passa a designar as fêmeas em geral da espécie “galo”, como perdigão é um aumentativo limitado aos machos da “perdiz”. Por isso, Camara Jr afirma que: “Dizer que -triz, -inha ou -ão são aí flexões de gênero, é confundir flexão com derivação” (CAMARA JR, 1970, p.89).

Em relação ao conceito de grau, Camara Jr o considera um processo tipicamente derivacional, afinal, os sufixos agregados aos vocábulos criam outra noção e, uma vez que se cria outra noção, damos o nome de derivação.

Como abordado em seu compêndio: “A expressão grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si” (CAMARA JR, 1970, p.83).

Em termos conclusivos, ele propôs que um nome deve variar para nele acomodar certas categorias gramaticais, porém, com os substantivos isso é algo que não ocorre. Portanto, os falantes terão de aprender o feminino e o masculino de cada palavra, pois os substantivos carregam em si inerência de gênero. Entende-se, com isso, que eles não sofrem flexões, pois essas marcas estarão presentes nos elementos determinantes do sintagma nominal (SN). E, em relação ao grau, a

incoerência ocorre pelo fato de os vocábulos não carregarem marcas flexionais obrigatórias na construção da sentença.

Conceitos de Gênero e Grau em Gonçalves:

Gonçalves (2005) postulou as ideias a fim de preencher a lacuna existente no estudo dos conceitos de gênero e grau em termos da investigação dos processos de flexão e derivação em Morfologia.

O autor, ao retomar a tradição gramatical, apontou em seus estudos que os problemas relacionados à categorização dos processos de formação de palavras como “flexão ou derivação” derivam da gramática latina, que influenciou as gramáticas normativas até a década de 1970 ao apontar o status da Morfologia flexional para o afixo de grau.

O conceito de gênero, para o autor, mostra-se com forte tendência à classificação como processo flexional porque o autor aponta o substantivo, núcleo do SN, como aquele que determinará as marcas do gênero na sentença. Ao abordar o parâmetro da relevância sintática, fica bastante nítida a identificação do gênero em termos flexionais: “[...] levando em conta o fenômeno da natureza flexional em português [...]”. (GONÇALVES, 2005, p. 15)

Entretanto, seus estudos apontam alguns critérios de análise, como o dos efeitos expressivos, que permitem perceber alguns traços que identificam esse conceito como relacionado ao processo de derivação:

“[...] algumas formas além de veicularem a ideia de feminino, são marcadas por forte conotação depreciativa, quando comparadas às de masculino. Tal é o caso dos exemplos:

<i>vagabundo</i>	<i>vagabunda</i>
<i>vadio</i>	<i>vadia</i>
<i>cachorro</i>	<i>cachorra</i>
<i>bruxo</i>	<i>bruxa</i>
<i>preparado</i>	<i>preparada</i>

(GONÇALVES, 2005, p.51, 52)

Com base nos exemplos do autor, apesar de alguns termos no masculino terem sentidos também pejorativos, as mesmas palavras, quando aplicadas com desinência de gênero feminino, apresentam um valor ainda mais acentuado para a noção de pejoratividade.

De acordo com os estudos do autor, o gênero ainda apresenta mais traços no processo de flexão, ou seja, o processo de flexão é bem mais produtivo do que o da derivação. Porém, ainda assim não podemos desprezar os traços derivacionais presentes nesses conceitos, como visto nos exemplos apresentados acima.

As discussões de Gonçalves (2005) iniciam-se a partir da proposta apresentada por Camara Jr (1970), em que o grau é compreendido como processo derivacional por não obedecer a uma pauta obrigatória e sistemática e, também, por não depender de um contexto sintático que o regule. Gonçalves amplia essa discussão ao apresentar um *continuum* entre os processos flexionais e derivacionais, tendo em vista que, na língua, os vocábulos podem apresentar traços desses dois processos no português. Nesse sentido, alguns critérios denotam propriedades derivacionais relativas aos afixos de grau, pois como já sabemos, os afixos gradativos tanto nas gramáticas, como em estudos descritivos apresentam imprecisões em termos de sua classificação como puramente flexional ou derivacional. O autor também aponta que: “os critérios não atuam de modo coerente e preciso: o mapeamento dos traços que diferenciam flexão de derivação deve ser encarado como tentativa de diagnosticar os afixos de uma língua e não como um veredicto sobre sua verdadeira localização no componente morfológico” (GONÇALVES, 2005, p. 90).

Ao abordar o parâmetro da relevância sintática, é possível confirmar o conceito de grau como um processo derivacional nos estudos morfológicos, pelo fato de não obedecer a uma pauta sistemática na formação de uma sentença: “[...] A flexão é requerida pela sintaxe da sentença, isto é, um contexto sintático apropriado leva à expressão das categorias flexionais, o que não acontece com a derivação, isenta do requisito “obrigatoriedade sintática”. (GONÇALVES, 2005, p.12)

No critério dos efeitos expressivos acontece o mesmo: o conceito de grau é definido como processo derivacional, por somente a derivação ser um processo capaz de refletir impressões pessoais e/ou expressivas no emprego de um vocábulo: “[...] A derivação pode servir como veículo para o falante exteriorizar sua impressão a respeito de algo ou alguém. A flexão, ao contrário, não se presta a esse serviço. (GONÇALVES, 2005, p.47)

Desta forma, o autor aponta que as noções de aumentativo e de diminutivo podem ser empregadas tanto para uma avaliação positiva quanto para uma avaliação negativa dentro de uma expressão lexical e isso mostra a flexibilidade tipicamente derivacional presente no emprego do conceito de grau.

Análise dos Dados

De acordo com as propostas teóricas já apresentadas, analisaremos algumas inconsistências a fim de contrapor as definições já abordadas a fim de formar um corpo conceitual que auxiliará a constituir as análises propostas neste artigo.

Notamos, nos materiais, que as definições de gênero estão vinculadas apenas ao processo flexional, na qual é mencionada que toda palavra que puder ser antecedida pelo artigo “o” é masculina, enquanto toda a palavra que puder ser antecedida pelo artigo “a” é feminina. Na definição de gênero, também não são contemplados os processos flexionais e/ou derivacionais, como se, no português, não existissem vocábulos que exprimissem traços de derivação relacionadas ao emprego do morfema de gênero.

Em relação ao grau, só é mencionado o uso de sufixos ou modificadores para a formação de substantivos aumentativos ou diminutivos, ou seja, no grau não é contemplado nenhum dos dois processos, subentendendo que o grau só depende única e exclusivamente da sintaxe do período e não fazem a análise estrutural da composição desses vocábulos (se dá noção de masculino, feminino, plural, singular, aumentativo, diminutivo, etc.).

Em via de análise do material apostilado do Sistema Positivo, é notório que há uma disparidade entre definição e apresentação dos fenômenos lingüísticos. Na definição proposta, o grau é tratado como um processo flexional, entretanto, os exemplos apresentados deixam claro que esse conceito está relacionado ao

processo de derivação e até faz uso da terminologia “uso de sufixos” para ensinar aos alunos o grau sintético.

Já no material didático “Português Linguagens”, de Cereja e Magalhães, ocorre uma confusão ao distinguir conceito de grau, porque apresenta ora combinação por sintaxe, ora por emprego de sufixos. Vale notar que a única menção feita a respeito do grau como derivação é quando o material propõe o seguinte questionamento: “Grau do substantivo ou derivação?”. Com isso, percebemos que não se aplicam quaisquer noções referentes ao *continuum* que existe entre flexão e derivação apresentado por Gonçalves (2005).

O Ensino dos Conceitos de Gênero e Grau com base no *Continuum* Flexão e Derivação

Com base na identificação dos problemas inerentes à compreensão dos conceitos de gênero e grau nos materiais didáticos, em seções anteriores no artigo, pretendemos, então, apresentar uma proposta de ensino a partir da necessidade emergente de se fazer um estudo didaticamente separado dos conceitos de gênero e de grau, a partir do reconhecimento do primeiro como um processo que denota mais traços flexionais, enquanto o segundo, derivacionais. Sendo assim, apresentamos os conceitos de gênero e grau a partir do estudo apresentados pelos linguistas mencionados neste artigo, a saber:

O gênero é um conceito que se constitui como um processo flexional, no qual podem ser apresentadas noções de feminino e masculino. O traço/marca de flexão está presente nas desinências que completam a base da estrutura das palavras, sendo materializado por pelos morfes “-a” e “-o”. É possível notar a presença de vocábulos cujas marcas de gênero são inerentes, denotando o processo flexional, plenamente relacionado à compreensão da concordância sintática, que pode ser confirmada por meio do emprego dos determinantes que acompanharão esses vocábulos na estrutura interna do SN, como em “a menina” ou “esta professora”. Essas constatações confirmam o gênero um processo flexional no português.

Em contrapartida, o grau deve ser compreendido como um conceito que denota, em grande parte dos casos, a noção derivacional, contrapondo as

abordagens de algumas gramáticas tradicionais de que denotaria traços flexionais. Quando empregado no português, o morfe de grau nos traz noções distintas, traço que ressalta o caráter derivacional do seu emprego, podendo imprimir na língua marcas de dimensão, comumente tratado nos materiais didáticos, ou de avaliação expressiva, como nos vocábulos “timinho”, que representa desqualificação de um dado time, e “sapatona”, que denomina pejorativamente um traço relativo à sexualidade de uma pessoa.

Discussão do Conceito de Gênero com Base nas Propostas Teóricas

Percebemos, como discutido na seção anterior e na revisão dos teóricos já apresentados, que a definição de gênero dos materiais propostos para análise revelou-se inconsistente, uma vez que não apresenta a implicação semântica (positiva ou depreciativa) que a alteração de gênero pode trazer ao vocábulo. Além disso, esses materiais não apresentam outras noções que pode ser atribuídas a um mesmo vocábulo se flexionado em gênero, fazendo com que esse conceito passe despercebido aos olhos dos educandos.

Discussão do Conceito de Grau com Base nas Propostas Teóricas.

Diante de toda a dificuldade dos autores em contemplar os critérios de distinção entre flexão e derivação, percebemos que o estudo mais coerente relacionado ao tema foi o de que existe um *continuum* entre esses os processos de flexão e de derivação. Ora ocorre um ou outro e ora ocorre os dois ao mesmo tempo, ficando assim descrito: “Em relação ao grau dos substantivos entende-se que o aumentativo e o diminutivo nos dão ideia de proporções diferentes que muitas das vezes essa ideia de grandeza ou pequenez empresta valores pejorativos ou depreciativos à construção de sentido.

No entanto, as noções derivacionais são bastante evidentes no tratamento dado aos morfemas de grau, como, por exemplo, a dimensão poderia ser marcada

por meio de modificadores (adjetivos). Além disso, sufixos de grau podem ser tanto empregados para marcar dimensão, como também, para denotar pejoratividade.

Tomemos como exemplo os seguintes vocábulos: *homem grande / homenzarrão – homem pequeno / homenzinho*. Nas frases seguintes, poderemos notar, em “a” um caso de dimensão e “b” uma avaliação pejorativa: a) O João é uma criança que cresceu bastante. Está um *homenzinho*. b) Ele tomou atitude reprovável, agiu como *homenzinho*.

Vale, para efeito de análise e confirmação das discussões, retomar a fala do professor da Universidade Federal de Rondônia Samuel Milet, divulgada em reportagem do programa Fantástico, da rede Globo de Televisão no dia 30/10 e, também, publicada em matéria no portal G1, como segue:

“Ao falar sobre a palestra 'Por que é preciso falar de gênero no direito?', ministrada pela doutoranda Sinara Gumiere, Samuel Milet usou termos como 'vagabunda', 'bostinha' e outros adjetivos considerados pelos alunos e manifestantes como misóginos, sexistas e machistas”³

Ao tratar da professora universitária da Universidade de Brasília (UnB), que tratou sobre gênero e aborto durante a Semana de Direito que ocorreu no *campus* de Porto Velho, o professor Samuel Milet valeu do emprego dos morfemas de gênero e de grau com impressões pejorativas, que acabaram por desqualificar a palestrante por meio dos termos “vagabunda” e “sapatona”. Como já discutido neste estudo, o morfem “-a” que, normalmente, é empregado para denotar a noção de gênero feminino é claramente empregado a fim de desqualificar a pessoa a quem se refere. O mesmo é possível notar com o emprego do sufixo “-ona”, também pejorativo ao se referir à palestrante. O vocábulo “vagabundo” já contém, mesmo no masculino, traços pejorativos, mas, com base nas postulações tecidas neste estudo, conseguimos apontar que tais traços são ainda mais intensificados por meio do emprego no feminino.

³(Fonte: Portal G1. Disponível em: http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2016/11/professor-que-chamou-palestrante-de-sapatona-doida-e-afastado-por-60-dias.html?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=g1. Acesso em 05/11/2016).

Considerações Finais

Neste artigo, pudemos constatar a insuficiência relacionada ao tratamento conceitual e descritivo no que diz respeito aos processos de flexão e derivação de gênero na Língua Portuguesa e, por isso, com a proposta apresentada buscamos ampliar essa discussão a fim de contribuir para a formação de um corpo de estudos no campo.

A maneira de contribuir na formação de um corpo de estudos no campo é trazer como sugestão para os docentes da área mecanismos que abordem os conceitos de gênero e grau nos estudos de estrutura e formação de palavras, como a abordagem de casos correntes da língua, apresentado a partir de uma reportagem.

Vale dizer que se torna relevante apontar, aos discentes, novas maneiras de observação das noções de gênero e de grau, a fim de que percebam as relações estabelecidas entre esses conceitos e as possibilidades de compreendê-los no português a partir das noções de derivação e de flexão, contraponto as afirmações presentes nos compêndios apresentados neste artigo, pois é sabido que nada na sentença nos obriga a fazer a concordância em grau, seja ele aumentativo ou diminutivo.

É importante que, como docentes, sejamos coerentes na discussão dos dados, a fim de apresentarmos exemplos e discussões que sejam válidas e necessárias à compreensão dos fatos linguísticos hoje, a fim de que percebamos que, muitas vezes, há inconsistências entre noções conceituais anacrônicas, descontextualizadas com esses fatos linguísticos.

Vale ressaltar, como já apontou Kleiman (1992), que o ensino da língua precisa ser desenvolvido com base na habilidade metalinguística, autonomizando o aluno para que consiga perceber, nesse movimento de reflexão sobre a língua, as possibilidades de emprego e de compreensão acerca das escolhas que faz para se expressar com clareza e coerência. No que tange ao estudo da estrutura da língua, vale encerrar com o pensamento de Sandmann, que diz: “[...] nem sempre é simples rotular palavras, pô-las em gavetas nas quais elas fiquem bem-comportadas e

acomodadas [...], parece que em Morfologia é preciso conformar-se com a inexistência de fronteiras rígidas e bem definidas” (SANDMANN, 1990, p.17 *apud* GONÇALVES, 2007, p.164).

Referências

BOTELHO, P. F. **Conhecimento prévio e atividades escolares de leitura - uma abordagem cognitiva e metacognitiva**. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas (opção: Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 44. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

GONÇALVES, C. A. **Flexão e derivação: o grau**. In: VIEIRA, S. R. e BRANDÃO, S. F. (orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2005.

CUNHA, C. e CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 1992.

LIMA, Robson Luiz Rodrigues de. **Língua Portuguesa: ensino médio, 1ª série**/ Robson Luiz Rodrigues de Lima: Ilustrações André Müller... [et. Ali.] – Curitiba: Positivo, 2010.v:2: il.. Sistema Positivo de Ensino.

CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**. volume 2 – 6ª.ed. reform. – São Paulo: Atual, 1998.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da língua portuguesa**. 45ª Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

VARGAS, Diego da Silva. (2012). **O plano inferencial em atividades de leitura: livro didático, cognição e ensino**. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (opção: Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.